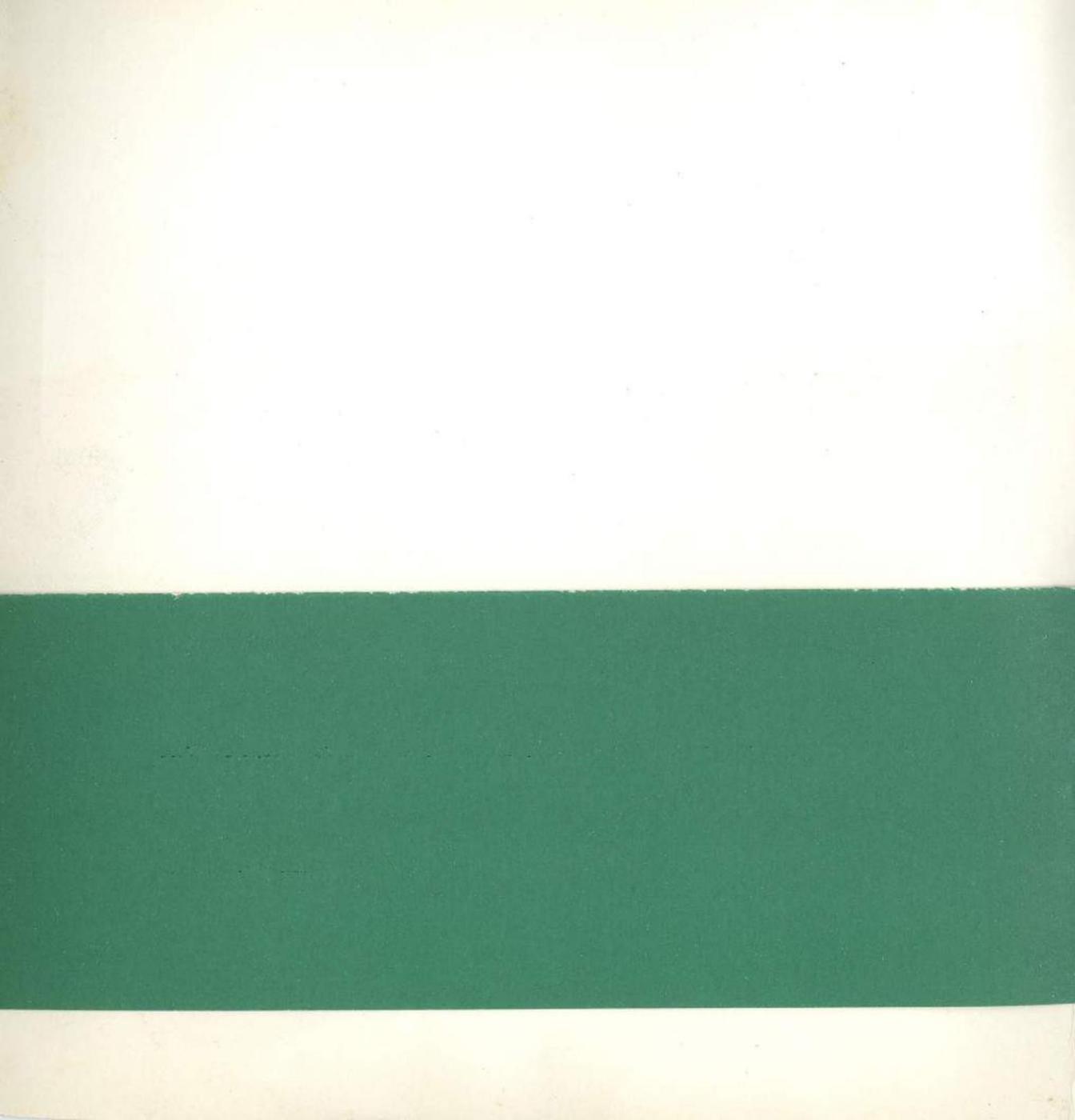
A graphic design featuring a large, irregularly torn piece of red paper against a white background. The red paper has jagged, hand-torn edges, creating a layered effect. The text 'Heloyssa Juaçaba' is printed in a bold, black, sans-serif font across the center of the red paper.

**Heloyssa Juaçaba**



**“O mais profundo propósito na pintura tem sido sempre dar, através da cor e da linha, existência concreta a este universo que aparenta estar sempre em contemplação.”**

**(PIET MONDRIAN)**

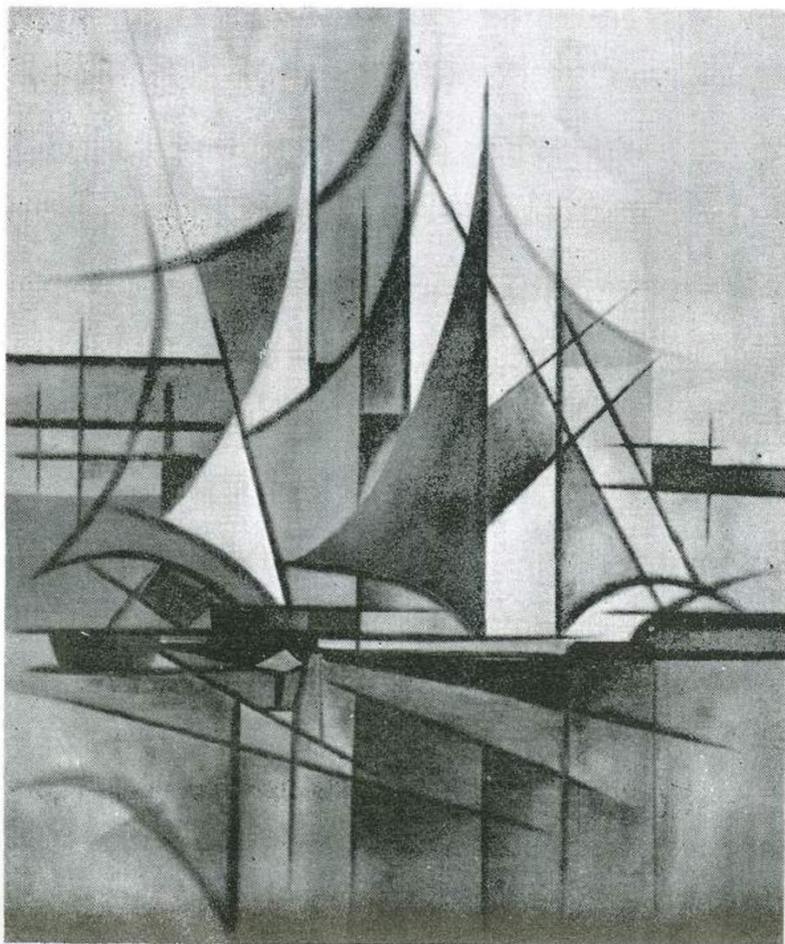


# **Heloísa Juaçaba**

**Pintura**

**Novembro 1971**

**Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará**



Repetição por simpatia

**HELOISA FERREIRA JUAÇABA** nasceu em Guaramiranga. Participou dos cursos da Sociedade de Artes Plásticas (S.C.A.P.). Expôs pela primeira vez no Salão dos Novos, em 1952. A partir de então, tomou parte em várias exposições coletivas. Em 1954, estudou pintura com Floriano Teixeira Frequentou, em 1956, curso livre de pintura e desenho no Museu de Arte de Louisiana, New Orleans. U.S.A.

#### **EXPOSIÇÕES COLETIVAS E INDIVIDUAL**

- 1952 — I Salão dos Novos, Fortaleza, Ceará.  
1953 — IX Salão de Abril, Ceará, II Salão dos Novos, Ceará. Exposição Comemorativa do 1.º Centenário de Van Gogh, Ceará.  
1954 — X Salão de Abril, Ceará.  
1958 — XIV Salão de Abril, Ceará.  
1961 — Exposição de Inauguração do Museu de Arte da Universidade do Ceará, Fortaleza.  
1962 — Museu de Arte Moderna da Bahia.  
1963 — Museu de Arte Popular do Unhão, Bahia.  
1967 — Galeria Raimundo Cela, CENTRO DE ARTES VISUAIS, Fortaleza Ceará.  
1968 — Exposição Coletiva no Museu Nacional de Belas-Artes, Rio.  
1968 — Galeria Raimundo Cela (coletiva), Ceará.  
1968 — Ideal Clube (coletiva), Ceará.  
1968 — Sala Antônio Bandeira (coletiva), Ceará.  
1969 — Coletiva do 2.º aniversário da Casa Raimundo Cela.  
1969 — Coletiva de Artistas Cearenses no Colégio Militar de Fortaleza, Ceará.  
1969 — Coletiva de Artistas Cearenses na Feira da Providência do Rio de Janeiro.  
1969 — Realizou sua primeira exposição individual em novembro na Galeria Goeldi, no Rio de Janeiro.  
1969 — II Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará (Sala especial).  
1970 — Coletiva do 3.º aniversário da Casa Raimundo Cela.  
1970 — Exposição Coletiva no Ideal Clube.  
1971 — Coletiva do 4.º aniversário da Casa Raimundo Cela.  
1971 — Exposição Coletiva de Pintores Cearenses, no Palácio da Justiça, em Brasília.  
1971 — Coletiva no Ideal Clube.  
1971 — Salão de Março (coletiva).  
1971 — Expôs no III Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará. **HORS CONCOURS.**  
1971 — Coletiva na Capela do Palácio da Abolição.

#### **P R E M I O S :**

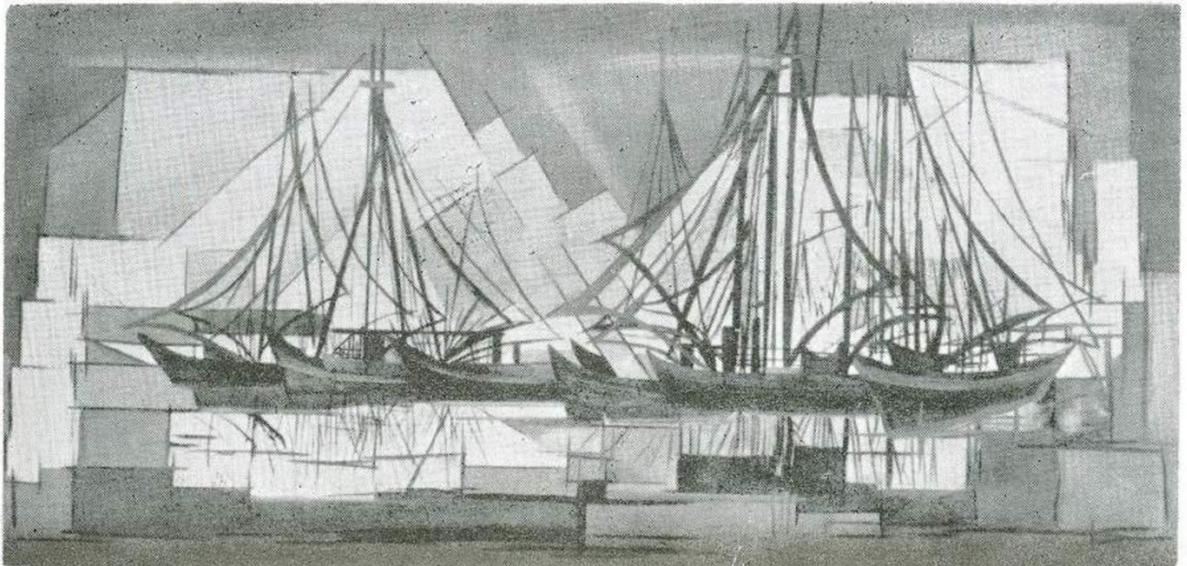
- 1952 — I Salão dos Novos, Ceará.  
1953 — IX Salão de Abril, Fortaleza, Ceará.  
1954 — X Salão de Abril, Fortaleza, Ceará.  
1967 — Menção Honrosa no XVIII Salão de Abril, Fortaleza, Ceará.



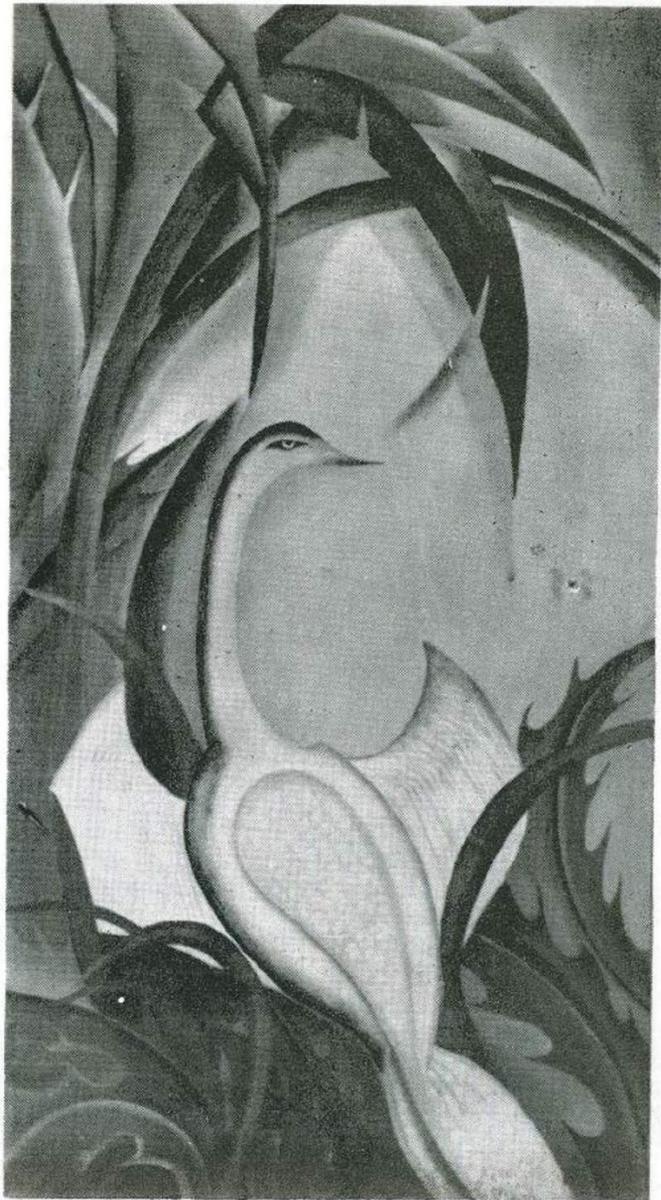
- H. J. — Chico, você sabe que sou uma apaixonada pelas côres. Talvez tenha preferência por algumas e já disseram que o verde tem uma fascinação sobre mim e tem marcado muito a minha pintura desses últimos anos. Sinto mesmo que, ao contrário de Mondrian, não posso dar as costas às janelas, para não perder a contemplação das árvores. A vegetação tem o encanto de seus tons e de suas formas; o sol lhes dá nuanças que inspiram outros tons. Verdade é que não copio a natureza. Procuro apenas interpretá-las. O verde também tingem o nosso mar e as marinhas também me seduzem. Essa introdução deve marcar o início de nossa conversa, pois você está vendo esses meus quadros e desejo a sua opinião sobre eles.
- C. S. — Quer dizer que eu vou ser o “interpro”?
- H. J. — É exatamente isso, Chico. Você vai interpretá-los com os seus sentimentos de artista.
- C. S. — O artista primitivo traz de dentro do pensamento a verdade. Pois eu acho que os seus quadros têm vida, cor e riqueza. As cores são alegres porque revelam a “visão” do que você sente. Sem “visão” nada se faz. Falo da visão da alma e do coração. Esse azul, encarnado e amarelo são cores que vivem dentro do seu coração e elas nos dão alegrias porque não são cores “mortuárias” como o cinzento e o roxo. E o verde também é alegria.
- H. J. — Você recorda em alguns dos quadros a vegetação de Guaramiranga, onde você viveu alguns anos?
- C. S. — As folhagens e os pássaros de lá são tranquilos como uma planta que o vento “acalanta”. Esses amarelos são o aparecimento do sol iluminando as folhas do cafézal, dos “arejos” daquelas montanhas, das coitéis dos canaviais. O seu espírito é que materializa a luz que joga na tela. As selvas parecem libertadas...
- H. J. — Chico, o que tem mais valor no quadro, a cor ou o desenho?
- C. S. — O desenho é o que a mão dá e a cor é o que o detalhe pede. A casa é engenharia e o quadro é autonomia.
- H. J. — Qual o valor que você dá aos artistas que não são primitivos?
- C. S. — Todo pintor cria; portanto, tem coisa de primitivo na alma. Me disseram que Heloísa estava pintando um quadro tão bonito quanto o do Chico Silva e eu disse que não podia ser porque o que ela faz vem do coração e portanto só pode fazer o que é dela. Sua obra é o seu gênero: demonstrou, realizou, executou. Enquanto um artista viver, ninguém tira o que é dele.
- H. J. — Você sabe, Chico, que um pintor pode mudar de estilo, de escola. Pode passar do pincel para a espátula, do desenho para a pintura e do moderno para o abstrato e mesmo para o cubismo. Todos esses meus qua-

dos têm pouca variação de técnica e de escola e poderiam se situar dentro do que já se chamou de “uma síntese geometrizada das figuras”. Qual a sua opinião?

- C. S. — Depende da força de vontade. “Sentindo”, pode jogar na tela. Cada qual de cada qual pode ter o seu valor. Estando plantado dentro da mente e do coração do artista, é só aproveitar. Você pensa e logo depois não fala? E todo o pessoal não lhe entende? Pois, se você é pintor, pinte sentindo que todo o mundo gosta!
- H. J. — E o cubismo, Chico?
- C. S. — O cubismo é um clássico escultural. Em cada pedaço um triângulo e uma cor. O cubismo é detalhado em 25 pedaços. Ele é natureza morta e esses quadros estão vivos, no alvorecer da madrugada.
- H. J. — Essas marinhas são recordações de portos distantes. Portos que vi e portos que gostaria de tornar a ver. Eles me dão um pouco de nostalgia misturada com saudades.
- C. S. — Esses quadros você sentiu e plantou em seu coração. Essas pinturas são concentrações. O que sai de seu coração pode jogar na tela, mesmo quando a tempestade vem jogando os seus botes para fora do mar. Essas marinhas vibram. Dá saudades do mundo distante. São saudades que se diz com cores e o que você pinta é a recordação mais forte. Tudo vem de uma concentração. É uma poesia da madrugada chegando no porto.



Pássaro Amarelo



## RELAÇÃO DOS QUADROS

### GRUPO A — VEGETAÇÃO

óleo sobre tela

1 — Pássaro amarelo n.º II .....	1,00 x 0,55
2 — A Fuga .....	1,00 x 0,55
3 — Vegetação de Guarimiranga n.º XII	1,00 x 0,55
4 — Composição com pássaros azuis ...	1,00 x 0,55
5 — Pássaro amarelo n.º III .....	1,00 x 0,55
6 — Em forma de primavera-Maranguape	1,00 x 0,55

### GRUPO B — MARINHAS

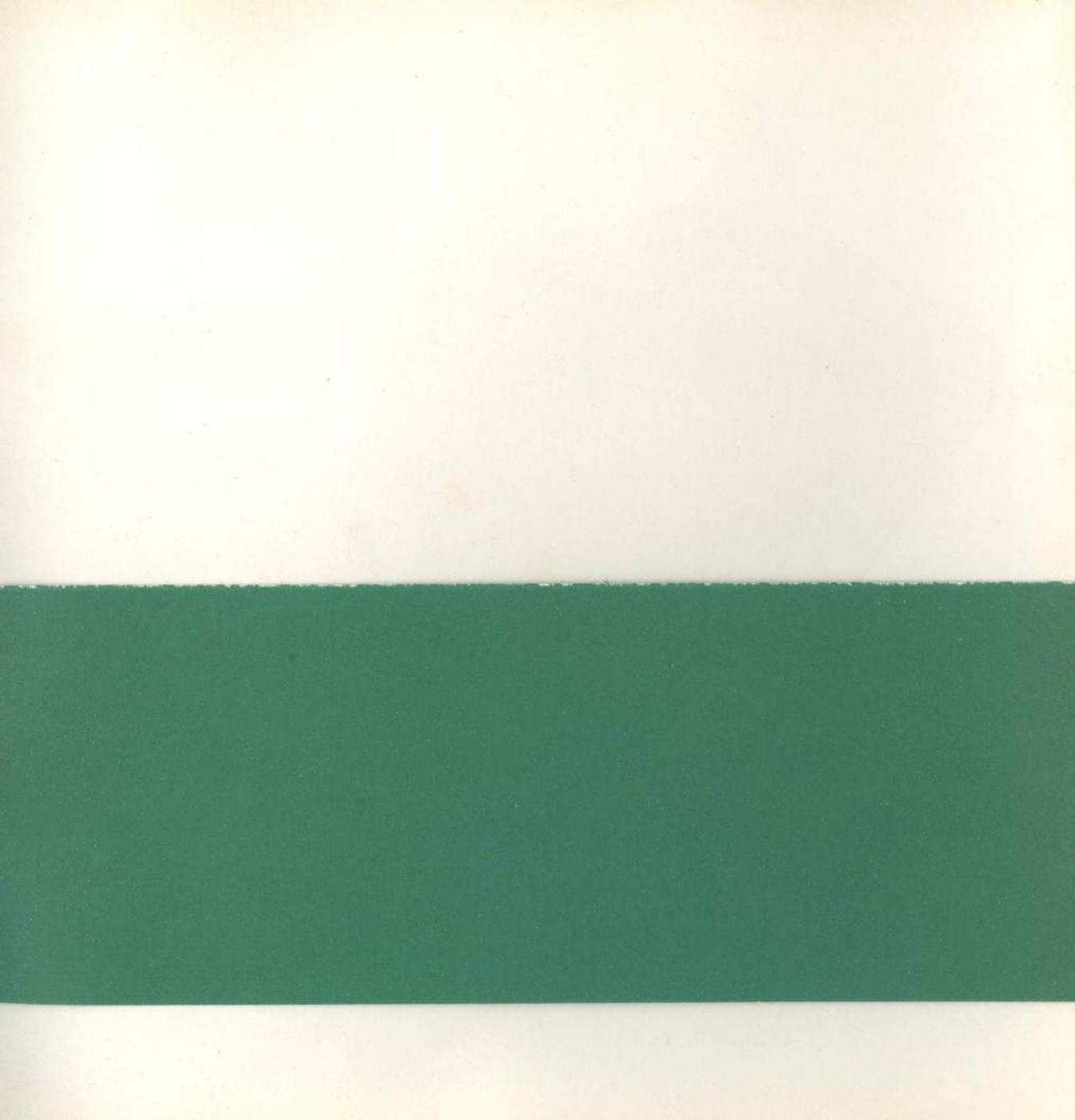
óleo sobre tela

7 — Recordação de Estocolmo n.º IV	0,77 x 1,57
8 — Velas de Mucuripe .....	1,00 x 0,55
9 — O Retorno .....	0,76 x 0,66
10 — Linhas Marítimas .....	0,81 x 1,25
11 — Ao entardecer .....	0,76 x 0,66
12 — Jangada em repouso .....	0,76 x 0,66
13 — Repetição por simpatia .....	0,76 x 0,66
14 — Recordação de Estocolmo n.º V	0,77 x 1,57
15 — Jangada em reparo .....	0,76 x 0,66
16 — Marinha n.º XI .....	0,76 x 0,66
17 — Marinha n.º XII .....	0,76 x 0,66

### GRUPO C — FIGURAS

óleo sobre tela

18 — Figura em campo verde .....	0,62 x 0,45
19 — Figura em campo vermelho .....	0,74 x 0,62
20 — Figura em forma de sonho .....	0,76 x 0,66





Paginação: Heloisa Juaçaba  
Fotos: Milton Lopes  
Impressão: Imprensa Universitária da U.F.C.